

Betanças no mundo.

Pola recopilación,
Xosé-Maria Monterroso Devesa,
Membro da Asociación Galega da Língua (AGAL).

Comencemos esta exposición somera sobre um aspecto insólito e, portanto, curioso de Betanças. Ela discorrerá através da toponímia e a onomástica que Betanças originou.

NA TOPONÍMIA

Sabemos que a toponímia é o sistema que estuda os nomes dos lugares geográficos. E, pois que o lugar do que hoje tratamos é Betanças, caberia fazermos a análise da orixe deste topónimo.

Mas nom é esta ocasióm, nem estamos capacitados para isso, quando nem os especialistas se puxerom de acordo sobre o particular. Apenas citaremos ao professor Moralejo Lasso (1), quem, á sua volta, cita a L. Monteagudo, segundo trazimos:

“Para Betanças, que nom se remonta a Brigantium, inda que sejam un mesmo lugar, propuxo L. Monteagudo umha problemática base tirada de Habitan-cium, da Britânia. (Ver Carta, em “Emérita”, XXV, 1957, 62-63).”

Ora bem. A raíz do descubrimento, conquista e colonização das Américas pola Espanha, multitude de topónimos metropolitanos foram implantados no Novo Mundo. Uns, procedentes do terrunho natal dos descobridores; outros, como homenagem aos diversos santos da Igreja Católica; outros, ainda, como tributo aos reis e príncipes do momento. Os mais subsistiram, os menos, nom.

Aí están nomes desaparecidos de territórios como a ilha Juana (logo Cuba); aí están os múltiples Santiagos ou o mesmo Sam Salvador (em homenagem a tais santos); aí están os Trujillos e Me-

dellíns (em lembrança das vilas natais).

Mui posteriormente, já independentes as repúblicas latinoamericanas, foram nascendo outras entidades de povoação que evocarom homónimas da península. Esta volta o fenómeno deveu-se, normalmente, a ser tais localidades fundação de um ou vários colonos naturais das homónimas peninsulares. Assi aconteceu (1913) com o Orense de Buenos Aires, reflexo (castelhanizado, como o original) do Ourense natal dos seus primeiros povoadores (2).



América do Sul

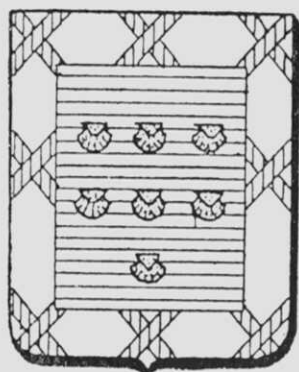
Noutras ocasiões, o nome da aldea, vila ou cidade refere-se ao próprio do mesmo povoador. Um exemplo caro a nós é, pe-se á sua modéstia, o da aldea uruguaia de Capilla de Farruco, originados localidade e nome na capela que ali erguera o galego Francisco Rodríguez (3).

A partir de um curioso trabalho de José Luis Gómez (4), junto a homonímias evidentemente casuais ou, melhor, aparentes ou accidentais, enteramo-nos da existência, além do oceano, de um Betanzos (com a ortografia castelhana que o topónimo-fonte também adoptou). Se, como dizemos, hai na relação dada para o planeta topónimos, como Puebla, que nada temem que ver com os homónimos galegos, no caso de Betanzos, tratando-se de um vocábulo tam singular, nom cabe dúvida que estamos perante un homónimo real e cabal.

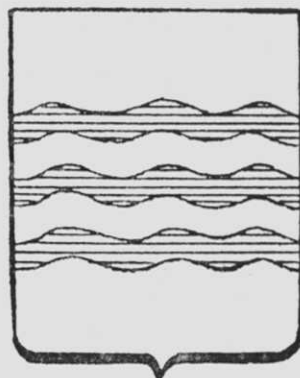
Que orige temem este e o outro Betanzos americano que logo “descobrimos”? (5). Procedem de algum ou alguns betanceiros ali afincados, ou, simplesmente, provenhem de algum ou alguns indivíduos de apelido Betanzos? Em última instância, se assi for, temos que concordar em que tamém o apelido se originou na nossa cidade de Betanços, e, daquela, esses topónimos americanos som, igualmente, reivindicáveis como de garelá própia. Velosaí.

Betanzos, de Bolívia. Vila do centro-sul da república, no departamento de Potosi, mais ou menos equidistante de Paraguai, Argentina e Chile. Semelha, inda que humilde, ser o homónimo de Betanços de maior relevância.

Betanzos, do Peru. Vila do departamento de Puno e província de Asángaro, nom



Betanzos-1



Betanzos-2



Betanzos-3



Betanzos-4

Heráldica do apelido Betanzos, según o padre Crespo

longe do lago Titicaca.

Restaria-nos citar um outro exemplo, único, da nossa própria Terra: o *Betanzos* (agora A Ponte de Betanzos), casal da paróquia de Bravos, no município lugrés de Oural.

E, por fim, terá relação alguma com a nossa velha capital umha *Ciénaga Betancí*, lamaçal situado na República de Colômbia, departamento de Bolívar?

NA ONOMÁSTICA

Já no ponto anterior tocamos algo o apelido Betanzos, como possível causante de algum dos Betanzos que nas Américas som.

Di-nos o genealogista Seijas (6) acerca de Betanzos:

“Apelido galego procedente da lineage dos Andrade, pois que Diego Nunes de Andrade foi castelão da fortaleza de Betanzos e os seus descendentes adoptaram tal apelido, abandonando o de Andrade. O primeiro deles que o utilizou foi Gonçalo Dias de Betanzos”. “E engade: “Extenderom-se a Xaén e a Chile, a fins do século XVI”, para logo passar a descrever as armas correspondentes.

Pois bem, aqui dá-se-nos um caso de apelido de origem toponímica. O cal acontece com farta frequência no nosso país, tam rico como el é em topónimos, pola secular dispersão da sua povoação.

Vemos como estes apelidos (Orense, Vigo, Noya, Cervantes, Baamonde, Mellid, Rábade, Ribadulla...), na maioria dos supostos perderom essa preposição de que indicava procedência. Noutros, nom.

Outras vezes, essa procedência nom significava precisamente nascimento. Assi, os religiosos que adoptavam o nome da localidade do convento no que professavam. Caso que nos atinge é o do galego, natural de Sárria, Frei Luís de Granada.

No suposto dos seculares, está claro, pois, que qualquer Betanzos que polo mundo circule — e bem que circulam de antigo, segundo nos dizia Seijas! — tem que ter o seu berce, mais ou menos antergo, na nossa Cidade dos Cavaleiros.

Por isso é que imos citar, para informação do provável leitor, alguns casos

célebres que encontrámos; e vam por orde cronológico.

Frei Domingo de Betanzos (5). Consta ser natural de Leóm e morto em Valholid (1549). Missionário dominico em Santo Domingo, México e Guatemala. Carteou-se co Pe. Las Casas e escreveu “Parecer”.

Juan de Betanzos (8). Nado em Betanzos a começos do século, foi levado nenno ao Peru, cadrandu ali com Pizarro e casando (1542) com umha indígena de alta posição. Autor do primeiro catecismo em idioma quechua, deve-se-lhe, tamém, um dos primeiros tratados sobre história e tradições bolivianas e peruanas.

Frei Pedro Alfonso de Betanzos (8), tamém conhecido por “Fray Alonso”, natural de Betanzos (fins do século XV), morreu em Chomes (na actual Costa Rica) em 1570. Exerceu de missionário franciscano em Guatemala, Nicarágua e México. Linguísta, como o seu par do Peru, devem-se-lhe vários trabalhos filológicos, assi como umha “Doctrina cristiana en lengua de Guatemala” (a dos índios cachiqueles, na actual República de El Salvador).

Vemos, pois, que se trata de tres emigrantes, os tres no mesmo século XVI.

Emigrante mesmo, mais contemporâneo nosso, é o andaluz *Odón Betanzos*, natural de Rociana (Huelva), 1926, que exerce de poeta e crítico literário em Nova Iorque (USA).

Algo anterior no tempo foi *Frei José María Betanzos*, natural de Luno (Gernika-Biskaia), (1863-1948) (9), chamado o “Pai dos Pobres” em Tânger, onde este franciscano residía como vicário apostólico de Marrocos.

Será deturpação do mesmo vocábulo o apelido do médico, escritor e político portoriquense do século passado *Ramón E. Betances*? Nom é improvável, dada a desfiguração que muitos apelidos peninsulares sofrem ao serem transplantados fora. Com este Betances do XIX aconteceu o contrário que com os Betanzos do XVI: el emigrou cara a nós, para a Europa, onde houvo de morar em Paris, como exiliado político, por mor da sua luita

ta a prol da independéncia da sua pátria.

Aí fica essa minguada relación dos Be-tanços que no mundo houvo e hai: sú-peitando que ela nom é exhaustiva, valha, simplesmente, de curiosa notícia para o

nom menos curioso leitor que tenha a paciéncia necessária para se mergulhar neste trabalhinho feito para o "Anuário Brigantino", por amável invitaçóm do amigo Xosé Antón.

Na Corunha, novembro/82.

-
- (1) "Toponimia gallega y leonesa" Compostela, 1977, pág. 321.
 - (2) "Cincuentenario de Orense, 1913-1963", Tres Arroyos, 1963.
 - (3) C. Zubillaga Barrera: "Los gallegos en el Uruguay", Montevideu, 1966.
 - (4) "Topónimos gallegos se repiten en los cinco continentes", em. "La Voz de Galicia", A Co-runha, 15-Outubro-1982.
 - (5) "Enciclopedia Universal Ilustrada Europa-Americana" (pop. Espasa-gigante).
 - (6) "Gran Enciclopedia Gallega", tomo 3, pág. 245.
 - (7) Idem nota (5).
 - (8) Antonio Couceiro Freijomil: "Diccionario Bio-bibliográfico de escritores", tomo I, Compostela, 1951.
 - (9) José Luis Soto Pérez: "Un siglo de historia literaria (1862-1962)", Compostela, 1969.